

EDITORIAL

Marina e o mundo real

Cinco dias após a tragédia que matou Eduardo Campos, o Datafolha foi às ruas retratar as intenções de voto da disputa presidencial. Os resultados chamam a atenção não pelos 21% alcançados por Marina Silva, a provável substituta de Campos, mas sim pela origem de seus potenciais eleitores.

Na pesquisa, tanto Dilma Rousseff (PT) quanto Aécio Neves (PSDB) mantiveram intactos os índices obtidos na pesquisa de um mês antes (15 de julho). Ou seja, não cresceram e nem caíram. A presidente com 36% e o senador de Minas Gerais com 20%. Eduardo tinha 8%.

Diante disso, a perguntar: de onde vieram os 21% obtidos agora por Marina Silva? A conta parece simples. A ex-senadora herdou os 8% de Campos e atraiu para si 5% de eleitores que prometiam votar em branco, além de outros 5% que se declaravam indecisos. O ponto é o seguinte: com Marina no péreo, um contingente de 10% dos eleitores trocou a coluna de votos brancos, nulos e indecisos pela candidatura dela. São nada mais, nada menos do que 14,2 milhões de pessoas.

Não se trata aqui de apontar se esse grupo age certo ou errado ao transformar o voto inválido, que é uma forma de protesto, em apoio à candidatura de Marina. O fato é que esse imenso contingente parece acreditar que a candidatura da ex-seringueira representa a nega-

É SEMPRE BOM FAZER O ALERTA. A TRAJETÓRIA DE MARINA É TRADICIONAL NA POLÍTICA BRASILEIRA

ção da desgastada estrutura política que vige no Brasil.

É sempre bom fazer o alerta. A trajetória de Marina é tradicional na política brasileira. Nasceu no sindicalismo, passou pela militância nos movimentos sociais, disputou e exerceu cargos eletivos e foi ministra de Lula. Sempre como reluzente petista.

Para ganhar a eleição e exercer o poder, Marina terá que mergulhar na política tradicional. Sua trajetória digna da melhor literatura não a faz um ser especial dotada de inimitabilidade. O mundo real é feito de instituições democráticas com suas demandas e ritmos próprios, como o Congresso Nacional. Esse mundo é dos partidos, das negociações, dos acordos, do consenso e da divergência. É assim a democracia. Fora disso há sempre risco de predominar alguma forma de autoritarismo.

Comente nosso editorial: opiniao@opovo.com.br

CHARGE CLAYTON



Comente a charge: charge@opovo.com.br



ARTIGOS

Seta derruba a ave

Adísia Sá
adisia@gmail.com



Jornalista

O destino humano - traçado, fortuito, explicável, misterioso, enigma - desafia a inteligência, aguça a curiosidade, amedronta, liberta, angustia a alma, brinca com o ser humano. Quem de nós não especulou sobre o fazer da vida, o indagar sobre quem dirige a nossa trajetória antes, durante e após o último suspiro: o que nos aguarda depois de tudo isto? Começo, meio e fim, trindade que nos cria, dirige, determina o começo e o fim do que "o que estou fazendo aqui?"

Mesmo consciente dessa finitude, o ser humano desafia o determinismo do existir e traça - planeja, sonha, erra, acerta, cai

e levanta. A morte de Eduardo Campos paralisou a Nação, tão brutal - não era para ter chegado assim. Todos sabemos que ela vem, que chega, mas só ela sabe a hora e o lugar para chegar. Talvez seja esse "ignorar" que nos faz viver como se cada dia não possa ser o último.

A morte de Eduardo Campos me fez pensar sobre o nada e o tudo da vida. Em pleno vigor da existência, pleno de sonhos e projetos, o pernambucano chegou e deu o seu recado: quantos não o aplaudiram e pegaram a mochila e seguiram seus passos, como o messias sonhado, esperado. Ele, confiante na exuberância de sua idade e na firmeza de seus projetos, já vislumbrava bem próximo o Alvorada, conduzindo a família, o País à luz de seus sonhos. Mas, a ave não veio ao mundo para voar, voar sempre. A ave veio para prender as asas ao próprio corpo, pousar num galho balançante e contemplar o dia surgindo e o pôr do sol, se indo.

Eduardo Campos não era um pernambucano de 49 anos que queria chegar à presidência da República: era uma geração que estava certa de que à sua hora chegaria. Mas, a ave - a despeito do galho em que pousava - era uma ave e, como tal, na mira do arqueiro. E o arqueiro mirou e a seta acertou o alvo, aproveitando-se do voo, não de uma ave, mas de quem estava ali, a seu alcance.

Eduardo Campos escreveu o seu script, mas não foi personagem com começo, meio e fim. Começou, mas o meio transformou-se em fim. Seguiu os passos do avô, mas o avô nem ficou para chorá-lo. Eduardo seria a quietude de uma velhice tranquila, feliz para se ver na continuidade do neto, como mercedia após tantas caminhadas. Eduardo seria... Eduardo Campos não morreu sozinho, com ele os sonhos não concretizados. O Brasil se foi um pouco com ele: a seta estava no meio do caminho, pena que ele foi o alvo.

ESCREVE SEMANALMENTE

FALA, CIDADÃO

Consciência no trânsito

Se o trânsito fosse tratado como questão de saúde pública, talvez os números fossem menores. Sou totalmente a favor da inclusão da disciplina de trânsito na cabeça da criança deste assunto desde a infância, conscientizando e abordando a problemática do trânsito brasileiro.

Thalles Pacheco. Lector do O POVO Online, comentando, pelo Facebook, matéria: "Mais de 500 mil foram mortos no trânsito, de 2003 a 2012, no Brasil".

Moralizar o Brasil

O pessoal não quer justiça, quer é vingança pelo fato de serem estrangeiros. Não é assim que se moraliza o Brasil. A pergunta é: Se

brasileiros tivessem cometido o ato, ficariam presos? Provavelmente, não. É muito melhor que se imponha uma multa a deixá-los presos dando gasto.

Helber Mello. Lector do O POVO Online, comentando, pelo Facebook, matéria: "BICE concede fubas corpus para mentirosos acusados de espantar adregados".

Verbas irrisórias

Existe um transtorno que pode dá em qualquer um, principalmente naqueles que trabalham usando muito a mente: Transtorno Psicótico. E o povo não se mobiliza para aumentar sedes como o Caps, que têm verbas irrisórias dos governantes.

Henrique Silva. Lector do O POVO Online, pelo Facebook, comenta matéria: "Os transtornos mentais desequilibram indivíduos, prejudicam cidadãos e ainda carecem de atenção do poder público".

1964: cenas e consequências (3)

Jackson Coelho Sampaio
jose.sampaio@uece.br



Professor titular em Saúde Pública e reitor da Universidade Estadual do Ceará

Na ditadura civil-militar foi vitima das táticas de censura que o regime usou para submeter ideias. A mais simples foi a do rito de amedrontamento na época de O Popular, jornal mensal, de circulação restrita a Fortaleza. Nele publiquei textos densos sobre doença mental, migração, trabalho e pobreza. Nem era do corpo editorial. Por duas vezes fui chamado à PF para explicar o financiamento do jornal e meus motivos para colaborar. Casado e com filho, insinu-

avam-se os riscos que corriam.

A aventura intelectual, estética e política da revista O Saco foi fantástica. Também o aprendizado dos meandros da censura. Livre no 1º número, instituída a censura prévia nos seguintes, preparávamos o equivalente a dois números para que pelo menos um, mensal, sobrevivesse aos cortes. Perdíamos anúncios e regularidade nas bancas, mas, tendo rede nacional de apoio, resistíamos. A ação repressora sofisticou-se: estranhamente nossa distribuidora nos dispensou. Aí veio o fim da revista e do sonho.

No início de 1977 fui a São Paulo para lançar um número da revista. Circulei por Jornais e TVs, em papos de redação e programas de auditório. A Associação Paulista de Imprensa mediou contato com núcleo estudantil na Faculdade

de Direito da USP, onde ocorreu grande debate. Aí veio o tormento: parentes, amigos e editores me diziam não vá, a plateia terá policiais infiltrados e você, tão longe de casa, pode ser desaparecido.

Tive força para dominar o medo. Cineastas, escritores, sindicalistas falando e eu ouvindo, tenso. Imaginavam um delívio de arte que rolaria pelo Brasil após a supressão da censura. Chegou minha vez e eu cheio de dúvidas, me levantei, fui para o meio do auditório e atuei um microscopodrama: a repressão esteriliza a criatividade, tudo será abortado pelo medo, disseram-me para não vir pois entre vocês haveriam policiais infiltrados, quem de vocês é dedo duro - você é dedo duro, não é, é, não é, é... Assim se faziam nossos percursos naqueles tempos.

ESCREVE MENSALMENTE

As cartas deverão ter no máximo 15 linhas - com nome completo, endereço, telefones e RG do remetente, que se responsabilizará por conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva o direito de selecioná-los para publicação.

Erramos

Opinião (17/8 pag. 8) No primeiro parágrafo do Editorial, escreve-se: "O dia de Nossa Senhora da Assunção (...), comemorado ontem...". O correto é que foi comemorado na sexta-feira.

Tendências (16/8 pag. 13). Diferentemente do que mostra o gráfico da matéria "Dia do Solteiro. A força de um segmento invisível ao mercado", 82% dos entrevistados responderam que as marcas deveriam investir em ações de marketing com foco nesta data, e 18% disseram que não.

O POVO

FUNDADO EM 7 DE JANEIRO DE 1995 POR DEMÓCRIO RODRIGA

Presidente e Editora
Luziana Damasc

Vice-Presidente
Nico Demétrio Neto

Diretor Institucional
Hirino Bordeletti

Diretor de Negócios Digitais
e Mercado Leitor

Victor Crade

Diretor de Mercado Corporativo
Eduardo Barbosa

Diretor de Marketing
Valéria Xavier

Diretor de Operações

Diretora-Executiva da Redação
Ana Azeiteiro

Diretor-Adjunto da Redação
Erick Guitierrez

Editores-Executivos
André Aragão, Gil Cavali, Gabriel

George, Rodrigo Leão, Mônica Mares

Brasil, Tháia Alves

Editor-Chefe de Cultura
e Entretenimento: Henrique Araújo

Editor-Sênior: Valdemir Alencar

Divisões de Segmento
Comercial: Magali do Vale, Sílvia

Torres e Mônica Tenente Ramos

Conselho Editorial: António

Cástaro de Faria Lima, Marysely Bezerra

de Mendonça, Marcelo Lima, Fausto

Nô, Francisco José de Lima Mota, Lúcio

GALERIA DE PRESIDENTES DO O POVO



ATENDIMENTO AO LEITOR E ASSINANTE: 0254 1010
Chamada para atendimento: 030VOVO.COM.BR

Visite o Jornal O POVO - www.opovo.com.br/leitor

Tel: 05.3255.0088 - E-mail: atendimento@opovo.com.br

OPVOSMAN: 3255 6251 - Email: opvosman@opovo.com.br

AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS: Agência Estado, Agência Folia e Agência France Press.

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA EM BRASÍLIA:

MEDIA INSTITUCIONAL DE JORNAL O POVO - Assessoria Institucional de Brasília, Prens. Salaricio

Nacionalista, Sinar de Comunicações, Sinar AP, Sinar de Comunicação, Sinar de Comunicação - Brasília/DF

Sinara (0800) 364 9999, Sinara (0800) 364 9999, Sinara (0800) 364 9999, Sinara (0800) 364 9999

Lais e a astronave

Mauro Oliveira
mauro.oliveira@fortalenet.com.br



Professor

Hoje, 16 de agosto de 2024. Lais completa 10 anos e temos muito a comemorar.

Afinal, o Brasil sagrou-se hexa campeão no World Cup realizado em Gaza, palco do último confli-

tica, mais uma inovação do professor Demerval, o holograma de Carl Sagan adivinha sua pergunta e "responde na bucha".

Lais tá para chegar no VLI (Veículo Ligeiro sobre Imãs), integrado ao trem bala da RFFSA. Ela vai descer na estação Poço da Draga, o point na cidade onde o hit é o DDD (Danê-se a Droga na Draga).

Oba! E lá vem ela pedalando seu jet-bike-GPS, que não deixa a criança perder o "rumo da venta". Vixe Maria: néqu! ela vem sozinha! Claro, temos a cidade mais segura do país.

quando profunda e rapidamente, segundos que duram dias. Vive remediando o pai, doutor João, explicando a seus alunos como o Ebola, HIV e o câncer foram vencidos.

No aquário, aprendemos com as tartarugas que a vida não tem pressa... "You te levar no parque, Lais, pra dar pipoca aos macacos/Vamos ao país de OZ ver o mágico e os espantinhos falantes/Voar até a Terra do Nunca, onde Peter Pan nos aguarda/Vou te fazer Alice no meu país, Lais".

Final de tarde é na dona Gelita, 104 anos nos cursos. A bi-